

## AS AÇÕES PEDAGÓGICAS UTILIZADAS POR UMA PROFESSORA DA EJA EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA

### PEDAGOGICAL ACTIONS USED BY A TEACHER OF YOUTH AND ADULT EDUCATION IN A SCHOOL OF CRICIÚMA

Michele Alves de Souza Lopes<sup>1</sup>

Mirozete Iolanda Volpato Hanoff<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo traz como objeto de estudo investigar características da prática pedagógica docente realizada em uma escola da EJA pertencente à rede municipal de Criciúma-SC. Para isso, realizamos uma revisão da literatura utilizando teóricos que escrevem sobre os temas. Como procedimentos foram utilizados, a observação da escola e de aulas e entrevistas semiestruturadas com uma professora e oito alunos. Os resultados obtidos revelaram que apesar dos avanços nas políticas públicas, a Educação de Jovens e Adultos ainda é uma modalidade de ensino relegada a segundo plano. Nessa modalidade a docentes cujas práticas observamos, não estão em consonância com os dispositivos legais e orientações metodológicas expressos em documentos oficiais, evidenciando insuficiências nas formas de organização do ensino para essa modalidade.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação Jovens e Adultos. Prática Pedagógica. Ensino Aprendizagem.

**ABSTRACT:** This article has as object of study to investigate teaching pedagogical practice characteristics in a EJA school belonging to Criciúma-SC. For this, we conducted a literature review using theoretical writing about the topics. As procedures were used, observing the school and classes and semi-structured interviews with a teacher and eight students. The results showed that, despite advances in public policy, the Youth and Adult Education is still a type of education relegated to the background. In this modality teachers whose we observed practices, are not in line with the regulations and methodological guidelines expressed in official documents, highlighting shortcomings in the forms of organization of teaching for this modality.

**KEYWORDS:** Education Youth and Adult. Teaching Practice. Pedagogical practices. Learning education.

<sup>1</sup> Licenciatura em Pedagogia, [mychelylopes2011@hotmail.com](mailto:mychelylopes2011@hotmail.com)

<sup>2</sup> Especialista em Fundamentos da Educação, [mvh@unesc.net](mailto:mvh@unesc.net)

## 1 INTRODUÇÃO

O foco principal desta pesquisa é analisar as práticas pedagógicas de uma professora da EJA que leciona em uma escola no município de Criciúma-SC e os elementos que utiliza para alfabetizar seus alunos. É importante compreendermos como são estruturadas as relações de ensino e aprendizagem na EJA, identificando suas características, quanto a metodologia, dificuldades e relações sociais implícitas nesse processo, vendo-a como parte das políticas públicas, que existem para atender a demanda de jovens e adultos que por vários motivos não concluíram ou não tiveram acesso a educação em tempo regular.

A Educação de Jovens e Adultos teve início no Brasil no período de colonização, sabendo-se que a prática estivesse voltada para os interesses da Igreja Católica em catequizar os primeiros habitantes do país. Com o passar dos anos foi transformando-se e tomando novas direções. As leis foram sendo modificadas e fazendo uma leitura nas constituições brasileiras elaboradas até esta data, por meio das Leis que regem a educação nacional é possível perceber que a Educação de Adultos no Brasil é marcada pela descontinuidade e por tênues políticas públicas, insuficientes para dar conta da demanda estabelecida na sociedade. Essas políticas são, muitas vezes, resultantes de iniciativas individuais ou de grupos isolados, especialmente no âmbito da alfabetização, que se somam às iniciativas do Estado (BRASIL, 1996).

Entendemos a EJA como uma modalidade de ensino a ser oferecida a uma população que tem suas especificidades e características, abarcando um público heterogêneo em relação à faixa etária, interesses, necessidades, habilidades e expectativas diversas em relação à escola. Desse modo, o professor deve compreender a pluralidade cultural de seus alunos e atuar conforme as orientações constantes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, isto é, reparar, qualificar e equalizar o ensino, sem distinção de classe, raça, saber e linguagem.

Diferente da criança, que leva para a escola pouca experiência, o adulto não escolarizado, ao chegar numa escola de EJA, já traz consigo grande experiência de vida, já sabe a falta que faz a escrita e a leitura quando precisa assinar e ler documentos, enviar ou

receber correspondências, ler placas, avisos, nomes de ruas e de lojas ao andar pela cidade, identificar nomes e preços de mercadorias ao fazer compras, etc. (BRASIL, 2006).

Ainda segundo Brasil (2006), o aluno que procura a EJA já sentiu o constrangimento e a humilhação ao ter que colocar a impressão digital no lugar da assinatura e a angústia da dependência, ao ter que pedir orientação às pessoas para conseguir ler o letreiro do ônibus, escrever cartas, comprar algum objeto ou para as coisas mais simples do seu dia a dia como uma lista de compras. Então quando procura a escola, o adulto já sabe quais são suas necessidades. Estas necessidades criam nele expectativas em relação a escola na busca do domínio das práticas da leitura e da escrita.

Enfrentar esses problemas é um grande desafio para prática pedagógica do professor da EJA, afinal o seu papel é preparar o aluno para que se perceba como sujeito construtor do seu conhecimento, pensar num modelo de escola mais flexível conectado a vida, para isso precisa investir na formação docente continuada e ter um olhar mais sensível quanto às necessidades desses jovens e adultos, e a tudo que lhe é relevante (BRASIL, 2006).

Estas modalidades de ensino planejado e ofertado de forma que podem dizer includente e em período mais curto, não impede que o professor exerça o seu trabalho de maneira consciente, formando sujeitos críticos/reflexivos para exercer com plenitude a cidadania.

Posso dizer que este assunto me chamou atenção desde a sexta fase do curso de pedagogia na disciplina (“Processos Pedagógicos de Jovens e Adultos”), e a confirmação do interesse veio com o estágio realizado nesta modalidade na 7ª fase do curso quando me incomodou a monotonia das aulas e o pequeno número de alunos na sala de aula. As práticas utilizadas se resumiam em cópias do quadro de palavras e frases descontextualizadas da realidade daqueles adultos e raramente se estabelecia um diálogo. Muito pouco do que estudamos na disciplina observamos durante o estágio.

Para uma melhor compreensão das práticas pedagógicas utilizadas pela professora da EJA, faz-se necessário primeiro: resgatar esta modalidade de ensino e sua trajetória no Brasil e em Criciúma-SC; identificar as características que um professor da EJA deve ter para desenvolver seus alunos de forma integral não somente como um simples cidadão; analisar o que os alunos da EJA buscam aprender e para quê; analisar as práticas pedagógicas

desenvolvidas em sala de aula e suas contribuições na Educação de Jovens e Adultos e, por fim, verificar as opiniões dos oito alunos e sua professora entrevistados, o que eles pensam sobre estas metodologias de ensino.

A pesquisa será feita por meio de entrevista semiestruturada, com uma professora em uma das escolas do município de Criciúma-SC e oito de seus alunos atuantes na EJA. A partir das entrevistas e com base teórica nos pensadores da Educação de Jovens e Adultos será feita análise sobre as práticas pedagógicas na EJA, possibilitando compreender melhor as contribuições das práticas pedagógicas no desenvolvimento e sucesso escolar dos alunos da EJA no município de Criciúma-SC.

## **2 BREVE HISTÓRICO DA EJA E CONTRIBUIÇÕES DE SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO**

### **2.1 Do período colonial até os dias atuais**

A Educação de Jovens e Adultos teve início no Brasil Colônia. Desde o período colonial até a atualidade esta modalidade de ensino vem passando por transformações na história da educação. Foi na década de 30, com as grandes transformações que estavam acontecendo de cunho político, econômico e social, que a EJA ganhou destaque em sua história. O papel do Estado para com a Nação foi reformulado e com a Constituição de 1934, a União ficou encarregada de elaborar diretrizes para a educação nacional, oferecendo ensino primário gratuito e obrigatório aos adultos. Na constituição fica também estabelecido que a União, Estado e Municípios deveriam investir na educação (STRELHOW, 2010).

Em vários momentos da história política brasileira, o processo de alfabetização se articulava com os interesses do governo em eliminar o analfabetismo para aumentar o número de eleitores.

A partir de 1945, com a aprovação do Decreto **nº19.513, de 25 de agosto de 1945**, a Educação de Adultos tornou-se oficial. Daí por diante novos projetos e campanhas

foram lançados com o intuito de alfabetizar jovens e adultos que não tiveram acesso à educação em período regular. Dentre estes se pode citar: a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA (1947); o Movimento de Educação de Base – MEB, sistema rádio educativo criado na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com o apoio do Governo Federal (1961); além dos Centros Populares de Cultura – CPC (1963), Movimento de Cultura Popular – MCP e a Campanha Pé no Chão Também se Aprende a Ler – CPCTAL, sendo que o primeiro estava mais voltado para atender às necessidades de qualificação da mão de obra para o setor industrial (além da necessidade de ampliar os “currais” eleitorais mantidos pelas práticas “clientelísticas”), os demais tinham o intuito de atender às populações das regiões menos desenvolvidas, além da preocupação de conscientização e integração desse grupo através da alfabetização e utilização do sistema Paulo Freire (BRASIL, 1988).

No período entre os anos de (1964-1985), o Brasil esteve governado sob o regime militar e estes movimentos e seus integrantes foram perseguidos e reprimidos pelos órgãos do Governo Federal que, em 1967, autorizou a criação do MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização (a partir de 1985 passou a se chamar Fundação Educar), tendo como principal objetivo erradicar totalmente o analfabetismo, a LDB 5692/71 que contemplava o caráter supletivo da EJA, excluindo as demais modalidades, não diferia dos objetivos do MOBREAL quanto à profissionalização para o mercado de trabalho e à visão da leitura e da escrita apenas como decodificação de signos (BRASIL, 1988).

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da Lei nº5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria. (VIEIRA, 2004, p. 40).

Na década de 80, com o fim dos governos militares a sociedade brasileira passou a viver um processo democrático, passando assim, por grandes transformações sócio-políticas, fazendo com que estudantes, educadores e políticos se organizassem em defesa da escola pública e gratuita para todos. Com a promulgação da Nova Constituição de 1988, que passou a garantir o ensino fundamental, obrigatório e gratuito para aqueles que não tiveram acesso à escola na idade apropriada.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) incorporou a Constituição Federal e acrescentou em seu capítulo II, especificando a EJA como modalidade de educação básica, que supera a dimensão de ensino do supletivo, e regulamenta sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental, artigo 37 parágrafo 1º: Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Parágrafo 2º: O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1996).

O ano de 2003 foi marcado por novas mudanças, o governo institucionalizou o Programa Brasil Alfabetizado (PBA). Este programa estimulava ações supletivas progressiva de acesso e garantia de padrão de qualidade da alfabetização de jovens e adultos. (SOARES, 1996).

Brasil (1996), no ano de 2007, por meio da Lei n.11.494.a EJA é incluída no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).

Mesmo conseguindo muitas conquistas ao longo da sua história, percebemos que a EJA ainda ocorre de maneira mecânica, fragmentada, sem reflexão, ao contrário do que diz seu maior defensor, Paulo Freire, que entende a educação de jovens e adultos como um ato muito além do apenas ler e escrever (SOARES, 1996).

## **2.2 A EJA em Criciúma-SC**

Em 2002, a Secretaria de Educação do Município de Criciúma-SC implantou o Programa de Educação de Jovens e Adultos-PROEJA, o mesmo foi proposto em consequência dos dados do IBGE do ano de (2000) o qual registrava que cerca 36% da população acima de 15 anos, no município de Criciúma-SC estavam sem escolarização. A secretaria municipal de Criciúma ciente dos direitos dos cidadãos, por sua vez criou o PROEJA, para atender estas pessoas. O referido Programa foi aprovado oficialmente no Conselho Municipal de Educação pela Lei 4307 de 02/05/2002 (CRICIÚMA, 2008).

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

O maior desafio da escola hoje é estabelecer uma relação entre o conhecimento socialmente construído e as práticas sociais em que seu educando está inserido, fazendo uma interação com a realidade que vive. Concluímos mediante as palavras do grande educador Paulo Freire defensor incansável da educação popular.

Sonhamos com uma escola pública capaz, que vá se constituindo aos poucos num espaço de criatividade. Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, que se ensine e se aprenda com seriedade, mas em que a seriedade jamais vire sisudez. Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo (FREIRE, 2006).

Enfim, entendemos que a EJA hoje se constitui como desafio para os educadores, que utilizam práticas docentes voltadas para uma ação educacional crítica/reflexiva, que estabeleça sentido para o aluno, levando-o a superação da alienação, sendo capaz de ser ver como agente transformador da sua realidade.

### **2.3 Perfil e Características dos professores da EJA**

Trabalhar com a modalidade de ensino de jovens e adultos requer um perfil diferente das outras modalidades de ensino. O professor vai preparar e formar um cidadão para entrar no mercado de trabalho e atuar na vida social de forma integral.

Ser professor da Educação de Jovens e Adultos exige uma relação especial entre professor\aluno. Pois sua função não se limita apenas erradicar o analfabetismo, mas sim formar cidadãos que atuarão na sociedade. O ato de planejar e avaliar na EJA requer pensar a vida dos educandos, suas necessidades e desejos articulados com a realidade social que estão inseridos num processo em que ver, ouvir e agir estão interligados.

Quando visitamos uma sala de aula da EJA nos deparamos com as mais diferentes pessoas: jovens e adultos com deficiência, trabalhadores, mães e pais, avós de 60 e 70 anos, todos em busca de desejo em aprender mais. Estes jovens e adultos foram excluídos do processo educacional e em suas diversidades almejam alcançar seus objetivos. Embora estas diferenças pareçam marcar uma dificuldade a mais para planejar o ensino na EJA, podemos reverter este pensamento considerando de forma positiva estas diferenças na sua potencialidade. (LOCH, 2009, p. 19)

O professor precisa ser pesquisador sobre sua prática pedagógica, além de orientar seus educandos por meio da pesquisa, analisar o contexto histórico, social e político que os insere, para construir uma sociedade mais igualitária. O educador deve estar preparado para fazer da sua sala de aula um espaço de socialização e construção de conhecimento coletivo. Estando atentas as necessidades dos alunos e valorizando a experiência de cada um ampliando seu universo cultural. Pensando nisso, Freire (1997, p.137) faz uma reflexão:

Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos? [...] preciso abrir-me agora e saber à realidade dos alunos com quem compartilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, senão absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela.

A formação do professor da EJA é uma prática que visa uma proposta pedagógica pautada no diálogo, nos questionamentos e na compreensão da realidade que os conduz a uma nova proposta coletiva e de mudanças, onde o conhecimento deve ser apresentado como uma construção social.

Um dos maiores desafios apresentados pelos professores da EJA é a elaboração dos referenciais curriculares básicos, a contextualização com as exigências do mundo contemporâneo, tendo como parâmetro as capacidades, habilidades e competências que pretendem desenvolver nos jovens e adultos. Estes parâmetros servem como ponto de partida para organizar e selecionar conteúdos de diferentes áreas do conhecimento a serem trabalhados (FREIRE, 1997).

Formar profissionais para trabalhar com esta modalidade de ensino e lidar com as diferenças valorizando-as, é um desafio. O educador deve ter consciência da atual situação dos alunos da EJA, ter uma formação em teorias pedagógicas sobre o público que atende, a fim de conhecer e perceber seus educandos enquanto sujeitos de direitos e respeitando seus saberes e sua realidade.

## **2.4 Perfil e características dos alunos da EJA**

O público da EJA possui responsabilidades como trabalho, família e enfrenta alguns problemas ocasionados pela diferença de idade, uma vez que as turmas são

constituídas com idades diferenciadas que vão dos adolescentes aos idosos. Há um grande número de adolescentes em sala de aula devido a evasão por repetência no ensino regular. “Todo o processo de conhecimento, marcadamente o do adulto, aluno da EJA, é permeado por suas vivências, cuja lembrança é mobilizada em determinados momentos das interações de ensino-aprendizagem escolar.” (FONSECA, 2007, p. 26).

Estes jovens e adultos que hoje frequentam a EJA têm diferentes experiências de vida e motivos que os levaram a não concluir o ensino regular, abandonando os estudos ou nem mesmo ter frequentado uma sala de aula. Os motivos geralmente estão ligados à: família, trabalho, repetência, falta de incentivo e obrigação para manter benefícios conquistados por impossibilidade de trabalhar por conta da sua saúde. Para estes alunos a escola deve ser um espaço de socialização, transformação social e construção de conhecimento. Conhecimento sustentado na perspectiva daqueles que aprendem saberes diversos e que tenham significado. Há grande preocupação por parte destes alunos em saber se o conteúdo ministrado lhes será útil no seu dia-a-dia. Esse jovem e adulto também é caracterizado no parecer do Conselho Nacional de Educação “[...] são adultos ou jovens adultos, via de regra mais pobres e com vida escolar mais acidentada. Estudantes que aspiram a trabalhar, trabalhadores que precisam estudar” (BRASIL, 2009, p. 9).

Outra forte característica dos alunos da EJA, citada no Brasília (2006), é o ingresso pré-maturo desses alunos no trabalho. Nas cidades, os pais saíam para trabalhar e muitos deles já eram responsáveis, ainda crianças, pelo cuidado da casa e dos irmãos mais novos. É comum, ainda, que nos centros urbanos, estes alunos tenham realizado muitas atividades cuja renda completava os ganhos da família. Na zona rural, o início no mundo do trabalho começa ainda mais cedo: cuidar da terra, das plantações ou da criação de animais; auxiliar nos serviços caseiros.

Souza (1994), na sua dissertação de mestrado, afirma que os alunos da EJA, depois de vivenciarem um tempo longe da escola e retornarem, perceberam que a escola passa a ser essencial para suas vidas pessoais e o caminho mais seguro para a ascensão social.

Oliveira (2004), em sua Dissertação de Mestrado, evidenciou que o retorno à escola “significa um marco decisivo no restabelecimento dos seus vínculos com o conhecimento escolar, libertando-os do estigma do analfabetismo e dos sentimentos de

inferioridade” (OLIVEIRA, 1996 p. 37).

Com isso, percebe-se que os educandos jovens e adultos, por ser cidadãos trabalhadores, querem sentir-se sujeito ativo, participativo e ter possibilidade de ampliar seus conhecimentos na vida política, social e econômica. Por meio das ações pedagógicas o educador de jovens e adultos pode mediar os conflitos existentes entre suas diversidades, sensibilizando-os para o fato que o estudar vai proporcionar a eles um leque de oportunidades para seu crescimento integral.

## 2.5 As práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA

Esta pesquisa busca compreender as contribuições das práticas pedagógicas utilizadas pelos professores da EJA em uma escola do município de Criciúma para que sua aprendizagem seja significativa.

Segundo Rocha et.al (2009), o processo de ensino e aprendizado tem que se fundamentar na confiança que o educador apresenta para seu aluno no que refere à sua capacidade de criar, aprender, descobrir, buscar, desafiar, escolhendo e assumindo a sua posição mediante a sua escolha e determinação, fazendo com que o educando se sinta motivado a aprender mais e mais, promovendo a construção do conhecimento. Para Souza, prática pedagógica ou práxis pedagógicas são:

Processos educativos em realização, historicamente situados no interior de uma determinada cultura, organizados, de forma intencional, por instituições socialmente para isso designadas implicando práticas de todos e de cada um de seus sujeitos na construção do conhecimento necessário á atuação social, técnica e tecnológica (SOUZA, 2012, p. 28).

Veiga (1989, p. 16) corrobora com Souza quando afirma que a Prática Pedagógica é “[...] uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social [...]”.

A práxis... é reflexão e ação dos humanos sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressora oprimida. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na sociedade opressora, com que objetivando-a, simultaneamente, atuam sobre ela (SOUZA apud, FREIRE, 1974, p.40).

De acordo com os teóricos estudados, a Prática Pedagógica não acontece apenas com elementos presentes na escola, mas interage com os fenômenos políticos, sociais, culturais e educativos do qual os educandos fazem parte. Sendo assim cabe ao professor enquanto mediador do conhecimento, ressignificar sua prática, respeitando os diferentes sujeitos presentes em sua sala de aula, oportunizando uma formação crítica/reflexiva, da qual possa agir sobre ela, buscando desenvolvimento sustentável para a sua comunidade, seu país e dele próprio.

## 2.6 A prática Docente

Partindo da compreensão dos conceitos acima, percebemos a prática pedagógica docente como uma dimensão da prática pedagógica inserida no contexto educacional, permeada de interesses sociais, políticos, econômicos, e que também é um dos elementos das ações do professor dentro da escola. Entendemos também que é por meio da prática pedagógica docente que iremos conhecer as concepções de educação do professor, seu conhecimento de mundo, suas interações com os alunos, etc. Sendo assim, destacamos a prática pedagógica docente na EJA, como fator primordial de ensino/aprendizagem nessa modalidade.

De acordo com os ensinamentos de Paulo Freire, o ato de ensinar vai muito além de transmitir ou “depositar” conteúdos no outro, é um ato que permite ao sujeito construir em diálogo com seu professor, conhecimentos que devem ter significado e se relacionarem com sua vida, que o faça refletir criticamente sua presença no e para o mundo se reconhecendo como um agente transformador. Freire afirma que “Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (FREIRE, 1997, p. 95).

Lendo Freire (2006), entende-se que a ação de ensinar é uma característica humana, que exige segurança no ato didático, competência profissional, É muito importante também que o professor seja respeitado no exercício de sua função, tendo acesso à formação continuada, comprometido com sua prática, entendendo o ato de ensinar como um compromisso social, com o objetivo de transformação do sujeito em um ser autônomo, ensinando com liberdade sem perder a autoridade.

De acordo com Tardif (2002), o professor é um ser social, político, histórico que na sua prática mobiliza vários saberes, sendo estes saberes construídos em diferentes situações, como família, escola, cultura pessoal, da universidade, é um saber plural que se constrói durante toda a vida. Deve-se levar em conta o conhecimento do trabalho do professor e seus saberes cotidiano, rejeitando a ideia de que ele é apenas um transmissor de saberes de outros grupos. Assim ele fala:

[...] esses saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. (TARDIF, 2002, p. 49).

Sacristã (1999) lembra muito Freire, quando aborda em seus estudos a importância da escola ou a função da escola, na renovação social, e destaca o papel da reflexão, pois para ele, o futuro da escola pública depende da capacidade de enfrentar a modernidade ética e social.

Buscando em Freire uma referência curricular para EJA, é possível observar a valorização que ele faz sobre a ideia de um currículo crítico emancipatório. Freire faz críticas a educação que não estimula o processo cognitivo sobre o objeto. Sua proposta é de uma educação libertária, com uma prática dialógica que leva o aluno a uma consciência crítica sobre si mesmo, o outro e o mundo. Freire (1997, p.86) diz: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”.

O autor quer dizer que o educando tem que ser instigado a fazer relações homem e mundo, a educação deve ser problematizadora e criar no aluno interesse em desenvolver sua capacidade intelectual e consciência crítica.

Para Libâneo (2003), a escola tem o compromisso pedagógico que consiste em assegurar que os alunos internalizem conceitos que contribuem para a democracia e sua inclusão social, através de saberes sistematizados e com base nas capacidades cognitivas e personalidade. Ao mesmo tempo, a escola ensina educandos concretos, por isso a necessidade

de articular as práticas socioculturais e institucionais em suas múltiplas relações, nas quais os educandos estão inseridos.

Libâneo (2003, p. 66) parte do pressuposto que as propostas pedagógicas devem ser fundamentadas nas ideias de interculturalismo, valorizando as diversidades étnico-raciais, minorias grupais, entre outros. No entanto, abre um parêntese para a possibilidade de um grande risco em limitar-se a trabalhar somente baseado nas vivências socioculturais, reduzindo o currículo e distanciando-se dos conhecimentos universais constituídos na experiência sociocultural da humanidade. Assim se expressa:

A escola continua sendo uma das instâncias de democratização da sociedade e de promoção de uma escolarização de qualidade para todos, portanto um lugar privilegiado para ajudar na luta pela igualdade e inclusão social. Não é possível democracia econômica, social, política, intelectual, sem a escolarização. A escola é a esperança da formação cultural, da formação científica, do progresso social, da conquista da dignidade humana, da emancipação humana. (LIBÂNEO, 2011, p. 94).

O autor reconhece que os aspectos socioculturais são relevantes e servem de apoio para a apropriação do conhecimento, porém, por si só, não dá conta da internalização de conhecimentos e habilidades.

Machado (2008), afirma que a escola deve reconhecer seus educandos como sujeitos de direitos a educação e perceber que a sua bagagem de experiências e conhecimentos prévios contribuem para construção de novos conhecimentos. “Há também a ideia de que todos que passaram pelo MOBREAL e Supletivo, que fazem seus cursos a noite, são sujeitos de pouco conhecimento”. (MACHADO, 2008, p.25).

Com base na pesquisa feita sobre as práticas pedagógicas docentes, evidencia-se que na EJA, o professor deve realizar as práticas com clareza, reconhecendo-se como agente mediador do conhecimento, mobilizando saberes necessários ao seu aprendizado e do estudante, estabelecendo uma relação com a realidade dando significado a esse aprendizado. É a prática docente que irá validar a ação pedagógica crítica/reflexiva, ou a reprodutora da ideologia dominante. Apesar dos avanços ocorridos nesta modalidade, percebemos que ainda se tem um longo caminho a percorrer para sua melhoria.

## 3 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A metodologia para a realização deste trabalho sobre a prática pedagógica docente na EJA, parte da abordagem qualitativa que se refere à coleta e tratamento de informações sem uso de análise estatística, e instrumentos como entrevistas abertas, relatos, análise documental, observação da prática pedagógica docente. A escolha pela abordagem qualitativa se dá pelo fato de ser uma metodologia usada para:

[...] descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 1999).

Trata-se de uma pesquisa de campo, onde observamos a prática de uma professora da EJA, em uma escola do PROEJA, pertencente a Rede Municipal de Criciúma-SC, que oferece essa modalidade de ensino. Realizamos também uma análise documental, com objetivo de identificarmos elementos que caracterizem a metodologia, aprendizagens e dificuldades na educação de jovens e adultos. Minayo (2010), “como um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”.

Nosso campo de pesquisa foi a sala de aula, onde observamos a prática docente de uma professora da modalidade de ensino EJA da escola citada, a interação dessa prática junto aos alunos, e fazendo uma análise documental (material didático, planejamento do professor, cadernos de alunos) a fim de identificarmos elementos que caracterizam essa prática. Após os registros das observações, foi feito um mapeamento dos dados coletados, identificando os elementos que caracterizam as práticas docentes na EJA.

Os sujeitos da pesquisa foram uma professora regente da turma de alfabetização de jovens e adultos e oito de seus alunos com diferente faixa etária, os quais foram denominados A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7 E A8. A todos os alunos foram feitas as mesmas perguntas, diferente do questionário da professora que era direcionado para as ações pedagógicas.

Escola pesquisada está localizada no Bairro Santa Luzia, no município de Criciúma SC. É ampla, limpa, possui 16 salas de aula, uma biblioteca, uma sala de informática, mas não disponível para os alunos da EJA. Possui rampas de acesso para pessoas com deficiência. Nos turnos da manhã e da tarde, são atendidas crianças do Ensino Fundamental I e II, e a noite apenas Educação de Jovens e Adultos. A escola funciona pela manhã das 07h30min às 12h00min, a tarde das 13h30min as 18h00min e a noite das 18h40min as 22h00min.

A professora atua pela manhã e a tarde como professora alfabetizadora nas séries iniciais do Ensino Fundamental e a noite é responsável pela turma do módulo I e II da EJA. A sala é composta por 24 alunos.

O horário de chegada dos estudantes da EJA geralmente se dá por volta das 18h40min. Ao chegarem se dirigem para a sala de aula. As 20h15min, enquanto lancham e aguardam as professoras, conversam sobre coisas referentes a aula anterior e com alguns professores que estão chegando. As salas de aulas são amplas, mas em nada remetem a uma turma de EJA. É um ambiente utilizado pelos alunos do ensino fundamental I e II. Quanto aos estudantes da EJA, são bem organizados em relação ao seu material, trazem sempre os cadernos, com as atividades, eles gostam muito de escrever.

O material utilizado para as aulas de alfabetização, segundo a docente do módulo I, é o mesmo utilizado no trabalho de alfabetização de crianças. Embora haja um livro integrado, distribuído pela Prefeitura e específico para a EJA, trabalha pouco com ele porque está fora da realidade dos estudantes, segundo a professora, pois contém textos muito longos, que foge a compreensão dos alunos. O planejamento segundo as professoras é feito bimestralmente, em conjunto com professores e coordenadores.

A observação na sala de EJA contemplou as disciplinas de português e matemática, evidenciando o quanto a prática pedagógica crítica\reflexiva está longe de ser efetivada nessa modalidade de ensino. O que nos chamou a atenção nesta sala: um educador com uma prática padronizada e tradicional. A maioria das atividades são voltadas para o aprendizado mecânico, as perguntas feitas são simples de se responder, não respeitando que o adulto já possui uma bagagem de conhecimento construídos ao longo de sua vida, e que esta deve ser respeitada e valorizada. Um exemplo disso, foi uma das atividades feitas, tinha um

çaça-palavras com os desenhos das figuras, e os alunos deveriam procurar e circular os nomes das figuras. A professora antes de realizar a atividade, fez uma breve explicação sobre a mesma.

Uma aula expositiva, tradicional, destituída de reflexão e criticidade, sem planejamento e dialogicidade distancia o aluno do processo de elaboração pessoal do conhecimento. Segundo Paro (2007), é preciso transformar o modo de ensinar tradicional que ainda domina o cotidiano nas salas de aula.

Em outra situação de participação na sala, a professora, após a leitura de um texto feita por ela, e depois pelos alunos, perguntou como eles se sentiam ao conseguirem ler. A maioria respondeu: é muito bom; sinto-me bem. Essas respostas nos levam a pensar o quanto é descontextualizado o ato de ler na escola com a vida. Os Alunos não conseguem externar em suas falas, o que mudou na vida deles, o fato de terem aprendido a ler, dão respostas vazias de significados. A escola em suas práticas não valoriza a leitura de mundo desses alunos, e acaba oferecendo, uma educação descontextualizada, fragmentada, sem sentido, tratando o adulto como um sujeito desprovido de conhecimentos e sem experiência.

Como exemplo trazemos uma das atividades que bem ilustra essa prática. Trata-se de um texto o qual a professora trabalhou a leitura com todos os seus alunos, que tinha por título:

## A Tartaruga

“O dia 5 de Fevereiro caiu no Domingo. Maria Laura foi passear na loja da madrinha Vera. Na loja sentou no sofá.

Uma tartaruga no chão fora d’água, Maria Laura fica desesperada. Ela botou a tartaruga na sacola e saiu correndo.”

A professora demonstrou maior preocupação na leitura com a pronuncia dos fonemas e realizou uma interpretação oral perguntando, sobre o que fala o texto, o título e onde se passava a história, em momento algum se preocupou em contextualizar a história com a realidade de seus alunos. Percebemos aqui mais uma vez uma prática distanciada de Paulo Freire quando o mesmo chama a atenção dizendo que, o ato de ensinar exige do professor uma compreensão de que o conhecimento é uma forma de ajudar o estudante a superar o estado de alienação para a liberdade.

O professor quando se coloca como mediador no processo de construção do conhecimento do educando, ele o ajuda a superar seu estado de “alienação”, realizando situações de aprendizagem significativas, porém para que isso aconteça Freire afirma que “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (FREIRE, 1997, p. 95).

A escola elabora seu Projeto Político Pedagógico mediante as diretrizes estabelecidas pela Secretaria de Educação da Prefeitura de Criciúma. A professora relatou que o planejamento para as turmas de Educação de Jovens e Adultos são elaborados bimestralmente em conjunto com toda equipe. Disse-nos também que não utiliza o material enviado pela prefeitura, prefere trabalhar com o mesmo material que utiliza com o ensino fundamental, porque, como dito anteriormente, o livro não atende às necessidades reais de seus alunos, os textos são longos e de difícil compreensão (segundo ela). Quanto aos estudantes da EJA, são bem organizados em relação ao seu material, trazem sempre os cadernos, com as atividades, eles gostam muito de escrever, segundo relato da professora.

Em duas aulas foram trabalhados conteúdos de Matemática, problemas envolvendo as quatro operações, em ambas a professora pensou e escreveu os problemas no quadro e em alguns momentos resolveu junto com os alunos. Aqueles que tinham mais dificuldades a professora sugeriu que utilizassem “risquinhos” e ou “tabuada” para resolverem os problemas, é um recurso viável, mas será que é interessante ao adulto? Na sala há um aluno especial, e para este as atividades são diferenciadas: elas vão desde escrever as vogais, seu nome, contar e escrever a quantidade de objetos. Para este aluno são utilizados somente textos xerocados, isso nos leva a pensar qual é o sentido que estes conteúdos têm para o trabalho com adultos? Percebe-se a falta de um currículo específico para a EJA.

Outro fator que nos chama atenção e que consideramos muito importante é a formação dos docentes para a modalidade EJA. Faz-se necessário ao profissional que atua ou irá atuar na educação de jovens e adultos, uma formação adequada e continuada. Freire (2006, p.36) “O professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. ”

Percebe-se, pelas respostas dos alunos, que estes ainda procuram a EJA como uma forma de suprir o tempo perdido, ou para conseguir uma melhor colocação no mercado de

trabalho, mas também há aqueles com sonhos maiores, que não tiveram oportunidade no tempo certo e hoje estão buscando uma qualidade de vida melhor. Os alunos A1 e A4 disseram que procuraram a EJA porque não tiveram condições de estudar devido ter que ajudar nas despesas da casa, trabalhar na roça e morar muito longe da escola, enquanto A2 e A7 pensam em fazer cursos profissionalizantes quando concluírem o ensino fundamental. Há também aqueles que sonham em tirar suas carteiras de motorista, um jovem de 19 anos (A2) e uma senhora de 56 anos (A6). E três destes alunos estão na EJA porque precisam receber benefício do INSS (A5, A7 e A8), por estarem impossibilitados de exercer qualquer função trabalhista, eles devem frequentar o ensino da EJA para poder receber seus benefícios.

Segundo todos os entrevistados, as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula contribuem muito para sua vida cotidiana inserindo-os na sociedade, fazendo-os pensar de forma mais crítica sobre os problemas da sociedade que fazem parte, auxiliam na entrada no mercado de trabalho dando melhores condições de vida e na realização de sonhos que ficaram para trás por questões financeiras, familiares, entre outros. Porém, poderiam lhe permitir explorar mais os espaços físicos da escola e os que são obrigados a estudar para receber benefícios criticam esta forma de conduzir o ensino, pois alguns deles não têm condições físicas e psicológicas de permanecer em sala de aula.

Todos os aspectos apontados pela professora, alunos e estudiosos devem ser levados em consideração. Pois eles retratam a realidade da EJA no município de Criciúma/SC, suas qualidades, divergências de opiniões dos estudiosos e também seus pontos em comum. Relacionando teoria e prática muito já se modificou no ensino para jovens e adultos. Articulando as ideias dos pensadores as práticas pedagógicas utilizadas atualmente em sala de aula, já é possível ver as mudanças, mas ainda estamos longe do modelo ideal de educação para jovens e adultos. Muito se tem a caminhar tanto por parte do educador como também do educando.

A escola tem uma missão pedagógica que consiste em por meio do ensino assegurar a internalização de conceitos, o que somente se efetua por uma atividade mental interna.

## 4 CONCLUSÃO

A partir da observação e entrevistas feitas em uma turma da Educação de Jovens e Adultos em uma escola da rede municipal de Criciúma/SC, dos estudos realizados sobre o perfil dos alunos e professores da EJA, destacamos as diversidades culturais presentes nesta modalidade de ensino. A sala de aula da EJA é composta por diferentes faixas etárias preconiza um ambiente escolar organizado e com especificidades que caracterizam os sujeitos da EJA.

Sendo assim, a escola necessita atender os sujeitos em suas diferenças culturais e cognitivas, articulando a prática pedagógica com as experiências trazidas pelos alunos, permitindo que eles atuem de forma crítica e reflexiva na sociedade.

A escolarização na EJA submeteu os alunos ao ensino tradicional, método tão criticado por Paulo Freire que é mestre na educação de adultos. Para ele, a contextualização é fator primordial para a aprendizagem dos alunos, eles precisam compreender com significados sociais, culturais, científicos, gêneros textuais diversos, entre outros. Na prática pedagógica docente da EJA é necessário reconhecer as experiências do aluno, sua vida em sociedade, seus aprendizados, estabelecendo relação com a construção do conhecimento produzido.

Por sua vez, os cursos de formação de professores precisam se preocupar mais com seus acadêmicos, os futuros profissionais da EJA, contemplando esta modalidade de ensino em todas as disciplinas curriculares do curso. Bem como ampliar os cursos de formação continuada para esta modalidade, oferecendo estratégias de ensino e aprendizagem, possibilidades de atuação, pensando também na organização curricular, gestão e repensando as problemáticas em suas particularidades.

Percebeu-se que ao analisar as práticas pedagógicas na EJA requer também observar as estratégias das ações pedagógicas, troca de experiências, propor novas possibilidades que sejam capazes de transformar esse cidadão e possibilitar reflexão sobre prática e teoria, construindo novos conhecimentos para aprofundar seus saberes e dos alunos.

A proposta para que se contemplem as necessidades dos alunos da EJA é que o professor deve estar atento as suas ações pedagógicas promovendo um ambiente favorável e

uma aprendizagem significativa, reconhecendo a diversidade sociocultural de seus alunos. Pensar na Educação de Jovens e adultos é compreender que a aprendizagem é contínua e acontece durante um longo período de tempo, é também analisar a realidade do aluno de forma integral (cognitiva, social, cultural e econômica), criando um método de ensino que identifique as características e necessidades de cada aluno da EJA, oferecendo uma educação de qualidade e significativa para estas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na idade regular.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL. Cadernos EJA 1: **Trabalhando com a educação de jovens e adultos** – Alunas e alunos de EJA. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Lei n. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: . Acesso em: 14 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Portaria Interministerial Nº 221 de 10 de março de 2009. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: . Acesso em: 14 out. 2016.

CRICIÚMA (SC) Prefeitura Municipal Secretaria da Educação. **Proposta curricular da rede municipal de Criciúma: currículo para a diversidade: sentidos e práticas**. Criciúma, SC: Secretaria Municipal de Educação, 2008. 233 p.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos: Especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2006

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização/ José Carlos Libâneo, João Ferreira de oliveira, Muza Seabra Toschi** – São Paulo: Cortez, 2003.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº1, janeiro/junho 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC



Unesc  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Ciências e Educação



LOCH, Jussara Margareth de Paula. **Planejamento e Avaliação em EJA**. In: EJA: planejamento, metodologias e avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MACHADO, Maria Margarida (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Brasília: Secad/MEC, Unesco, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

OLIVEIRA, I. B. de; PAIVA, J. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PAIVA, V. *História da educação popular: educação popular e educação de adultos*. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n. 38, p. 49-59, jun./2010. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Halline Fialho da, et. al. **As Práticas Educativas na Educação de Jovens e Adultos**. Dez. 2009. 15p. Artigo científico. Disponível em: Acesso em: 20 out 2016.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

SOARES, Leônicio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Revista Presença Pedagógica**, v. 2, nº 11, Dimensão, set/out 1996.

SOUZA, A. B. **A escola representada por alunos de cursos de alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos que passaram anteriormente pelo ensino regular: Contribuição à compreensão do cotidiano escolar**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP, 1994.

SOUZA, João Francisco de. **Prática Pedagógica e Formação de Professores**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

STRELHOW, T. B. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil**. Revista HISTEDBR. Campinas, n. 38, p. 49-59, jun./2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação de Professores**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma P. A. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.